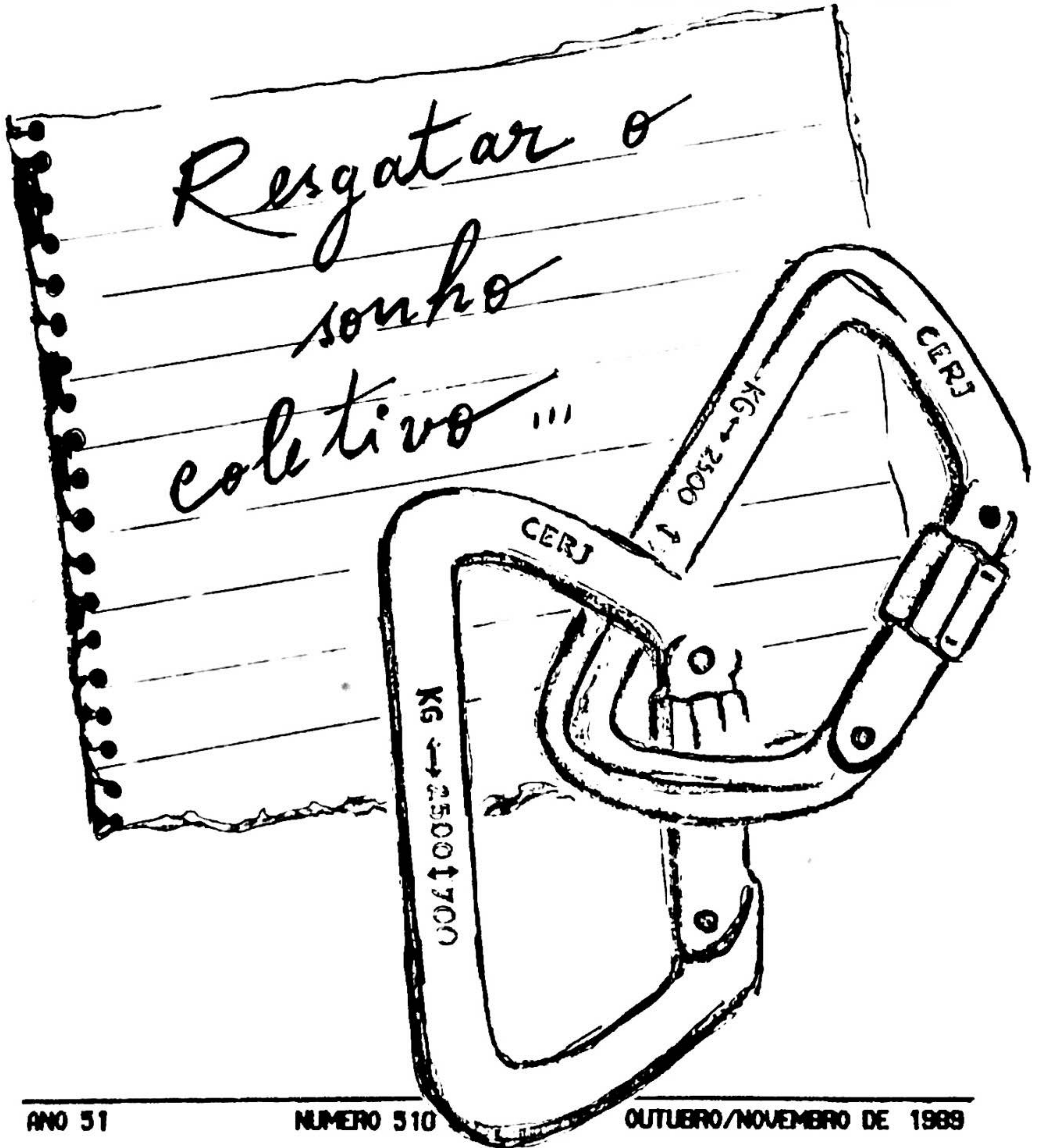


CERJ

CENTRO · EXCURSIONISTA · RIO · DE · JANEIRO



C. E. Rio de Janeiro

ENTIDADE CÍVICA • CULTURAL • ECOLÓGICA • MONTANHISMO AMADOR

Fundado em 20 de Janeiro de 1939

Reconhecido de Utilidade Pública pela Assembléia Legislativa

Sede Própria: Avenida Rio Branco, 277/805

Telefone: 220-3548

Diretoria do Cinquentenário

Gestão UNICERJ – Período 21/01/89 a 20/01/90

Presidente:	José Zaib
Vice-presidente:	Waldinar Menezes (Vavá)
Secretário:	Filipe Alvarenga
1ª Tesoureira:	Ignez Athayde
2ª Tesoureira:	Lucia Ladeira
Diretor Social:	Sônia Rezende
Diretor de Divulgação:	Luis Sayão
Diretor de Ecologia:	Salomyth Fernandes
Diretor Técnico:	Oswaldo Pereira (Santa Cruz)

Grupo de Apoio:

**Tarcísio Rezende (Butique), Ricardo Prado (Biblioteca)
e Everaldo de Souza (Cantina)**

Presidente da Assembléia Geral: Néilson Bravin

Presidente do Conselho Deliberativo: Giuseppe Pellegrini

Presidente da Comissão do Cinquentenário: Reinaldo Behnken

Conselho Fiscal:

Amilcar Guimarães, Paulo de Faria (Farias) e Willy Chen

Coordenador da Comissão de Reforma da Sede:

Cláudio Vieira (Claudinho)

EDITORIAL

O • CERJ • EM • RITMO • DE • REFORMAS

Nos últimos meses, foram realizadas no CERJ, quatro importantes reuniões que contaram com ampla participação dos sócios.

A primeira delas, foi uma REUNIÃO ORDINÁRIA DO CONSELHO DELIBERATIVO, presidida por Pellegrinni. Esta reunião aprovou por unanimidade a convocação de uma ASSEMBLÉIA GERAL para decidir sobre a reforma da sede do CERJ.

A Assembléia Geral é a instância máxima de deliberação do CERJ. Quem elege a Diretoria é o Conselho Deliberativo, porém quem elege o Conselho Deliberativo é a Assembléia Geral. Portanto, uma decisão tomada pela Assembléia Geral possui a legitimidade cristalina de todo o Quadro Social, pois ela é formada por todos os sócios do CERJ.

Para dirigir os trabalhos da Assembléia Geral, foi eleito por aclamação o sócio Bravin, gaulês veterano, ex-presidente do CERJ, que presidiu com sabedoria as três reuniões realizadas.

Nestas reuniões os debates foram acalorados e o resultado final foi referendado por ampla maioria dos sócios. Após as três reuniões, ficou decidido:

- 1) Criar a Campanha da Reforma da Sede;
- 2) Transferir todo o montante da Campanha da Sede de Montanha para a Campanha da Reforma da Sede;
- 3) Não desativar a Campanha da Sede de Montanha, mas só voltar a ela quando estiver concluída a reforma da Sede do CERJ;
- 4) Criar uma comissão para o acompanhamento da reforma, formada pelos sócios Salomyth Fernandes, Marcia Albuquerque, Wagner Ramos e coordenada por Claudio Vieira;
- 5) Aprovar o projeto arquitetônico elaborado pela sócia Wanlia Nascimento, apresentado pela Diretoria;
- 6) Conclamar a união dos Cerjenses para que possamos ter em breve a nossa Sede bonita, aconchegante e funcional, sonho de todos os sócios.

A Diretoria

O QUE O CERJ OFERECE E O QUE O CERJ REQUER

José Zaib

O que o CERJ oferece a seus sócios?

O CERJ oferece excursões de todos os tipos, desde praianas e recreativas até escaladas de todos os níveis de dificuldade, passando por acampamentos, bivaques, campos escolas e excursões ecológicas. Tudo isso sem falar das investidas em conquistas e explorações que abrem novas alternativas para a prática do montanhismo.

Em todas as excursões existe um guia credenciado pelo Departamento Técnico do CERJ, garantindo assim que as excursões sejam realizadas com segurança, eficiência e responsabilidade.

O CERJ oferece um Curso Básico de Montanhismo aos novos sócios para que possam aprender as técnicas de caminhada, escalada e demais conhecimentos básicos e assim praticar o montanhismo com segurança. O curso básico também se preocupa em passar aos novos cerjenses a nossa filosofia amadora e não competitiva, bem como conceitos éticos e ecológicos tão importantes para que o montanhismo não se confunda com um mero esporte.

O CERJ oferece uma Escola de Guias aos sócios que já possuem experiência, para que possam dar continuidade ao processo de preservação do montanhismo amador.

Tanto o Curso Básico quanto a Escola de Guias constituem direitos estatutários dos sócios, não sendo cobradas quaisquer taxas. O Curso Básico dura em média três meses e a escola de guias, um ano. Qualquer sócio pode fazer o Curso Básico. Para fazer a Escola de Guias, é necessário já possuir um mínimo de conhecimentos compatíveis.

O CERJ oferece um boletim de montanhismo que está cada vez melhor, feito com o maior carinho, que traz sempre a programação de excursões e artigos de interesse geral dos sócios. O mais importante é que o nosso boletim tem conteúdo.

O CERJ oferece uma área ecológica onde são programadas com frequência atividades muito importantes. Assim, lutamos para que sejam preservadas as riquezas naturais, através de excursões ecológicas de limpeza das montanhas e promoção dos ideais de amor à natureza.

O CERJ oferece equipamento para a prática do montanhismo. Nos dois últimos anos temos investido maciçamente na aquisição de cordas, fitas, baudriers, capacetes, mosquetões, equipamentos de escalada móveis, grampos, e demais equipamentos de montanhismo.

Todo este material coletivo está no almoxarifado para ser usado pelos sócios, bastando para isso que os guias requisitem. Aos escaladores interessados em novas conquistas, o CERJ oferece equipamento de conquista e assim aumentamos o acervo de vias de escaladas e primazias.

O CERJ oferece uma biblioteca diversificada com um sistema de empréstimo de livros e revistas que possibilita a ampliação dos conhecimentos dos sócios. Oferece também uma mapoteca com diagramas e croquis de caminhadas, escaladas e conquistas.

E o que o CERJ requer?

Em primeiro lugar o compromisso com a sua preservação.

Somos uma entidade organizada, tendo um estatuto que estabelece atribuições muito bem especificadas, entre elas a de que cada sócio mantenha suas mensalidades em dia.

Mas isto não é o mais importante, para prosseguirmos cada um deve dar um pouco de si, pois o CERJ depende apenas de nós.

O PRAZER DE VIAJAR

Aonde quer que vá, o viajante sonha

Cacaso

Dois são os prazeres da viagem: Os lugares onde você vai e a maneira como você viaja. Esses prazeres, que não são únicos, mas são os mais gerais, podem combinar-se de várias formas. Há pessoas que conhecem muitos lugares, mas que conhecem pouco os meios de locomoção. Outras, não foram a tantos lugares, mas variaram de maneiras. Eu, pensando bem, viajei pouco, mas de vários modos. De jipe, por exemplo. Quem nunca viajou de jipe, sobretudo em estrada de terra, dessas esburacadas, não sabe o que está ganhando. Jipe pula feito burro bravo, dá solavanco, é árido.

Outra viajenzinha dura é em jardineira cheia. O leitor sabe o que é uma "jardineira"? Não? Jardineira são pequenos ônibus que viajam pelo interior do Brasil, que vão pegando gente na estrada, às vezes bichos, porcos, galinhas. Comparada com sufoco de jardineira cheia, viagem de jipe é até agradável. Mas existe uma viagem que quando dá certo, é uma grande experiência: da carroceria de caminhão. Tem qualquer coisa de aventura, de fuga às escondidas, de carona providencial. O vento batendo no peito, na cara, os olhos semi-cerrados, os cabelos voando... Uma viagem das boas, é a pé. Grandes caminhadas, a observação atenta das coisas e paisagens, sentar a beira da estrada. Devagar e sempre. Agora, se há uma viagem que só merece elogios, essa é a viagem a cavalo. Eu já viajei a cavalo, que na verdade era uma mula. Tocando uma boiada, saindo de uma fazenda à beira de um rio, e em direção a uma cidade. Quatro dias e quatro noites na estrada. E toca o boi daqui, e cerca dali, e navega, e campeia. Mas bom mesmo é na hora de comer. Toda tropa tem seu cozinheiro. Arranchar num retiro, num final de tarde, boiada fechada, corpo faminto. Pouca gente sabe o que é a fome de boiadeiro: é aquela de quando junta a fome com a vontade de comer. Não é que boiadeiro coma muito, em excesso, nada disso. Mas come com

fome de boiadeiro. Feijão tropeiro, arroz, carne de sol na brasa, farofa, alguma verdura. Às vezes, uma caça: um tatu-galinha, um cateto, uma perdiz. Depois o descanso, a conversa. Depois a rede. Depois a noite, o sono, o sonho.

Onde também se sonha profundamente é em viagem de trem que, para mim, é um leito sobre trilhos. É a noite enveredando por um túnel, é o fim da viagem se confundindo com a manhã. Trem para mim é acalanto, é embalo materno, é certeza de amanhecer. Trem apita na curva. Que outro veículo no mundo apita na curva? Esta é uma das superioridades do trem. Outra, é ter muitos vagões. Viajar na última janela, do último vagão... Ir em frente, com vontade de ficar. E ainda tem a estação do trem. Quase tão interessante quanto a estação de trem é aeroporto. Estar num aeroporto, para mim é como já estar dentro do próprio avião. Meu avião preferido é o teco-teco, daquele que voa baixinho, sem pressa, um pouco ao sabor da briza. Às vezes fico pensando, se o automóvel tivesse sido inventado depois do avião, que revolução que iria ser. Meu modelo de chofer é meu pai, que dirigia com o braço esquerdo apoiado na janela do carro. Ele era cauteloso, paciente, e ainda entendia de mecânica. No porta-malas, carregava sempre uma caixa de metal, contendo material de pescaria. Se, no meio da viagem, pintava um rio, ele não tinha dúvida: parava, se abeirava, preparava o caniço, descolava umas minhocas, e ali ficava, ruminando. Todo bom pescador sabe ruminar, pegar o peixe não é o mais importante: o importante é pescar. E, já que estamos falando em pescaria, eu poderia contar uma viagem que fiz de barca, pelo rio São Francisco, de Pirapora, em Minas, até Juazeiro, na Bahia... Digo poderia mas na verdade não posso, pois estou sem tempo, tenho que parar já estou atrasado. É que estou de hora marcada. Estou saindo de viagem. Já escuto o navio apitando no cais. Vou viajar de navio. Vou ser feliz. Adeus.

C. E. Rio de Janeiro

Conhecer o Brasil

SOBRE A ESCOLHA DOS NOMES DAS VIAS DE ESCALADA

Santa Cruz

Nos dias de hoje, não é raro nos depararmos com vias de escalada com nomes completamente absurdos e sem sentido. É uma pena!

A escolha do nome de uma nova via fica para sempre, seja ela um paredão, uma variante, uma chaminé, uma travessia, uma fissura ou uma caminhada.

Dar um nome é sempre um ato de amor que às vezes demora anos para se concretizar. Muitas vezes se tem um nome, mas não se tem a escalada. Outras vezes se tem a via, mas não o nome.

É como escolher o nome de um filho. Contudo, nomes sem sentido, ridículos, revelam o nihilismo e a falta de compromisso com a sociedade. Os nomes das escaladas e caminhadas refletem a realidade da escala de valores dos conquistadores.

Muitas são as vias que possuem nomes de pessoas que batalharam pela preservação de seus clubes. Outras vezes é uma escolha puramente sentimental. Há casos em que a criatividade dos conquistadores proporciona a escolha de nomes engraçados e de bom gosto. Embora discutível, esses nomes geralmente retratam ao seu modo irônico e criativo, uma situação real.

O que temos que tomar cuidado é que não percamos a real finalidade da escolha do nome. Sabemos muito bem que os fins não justificam os meios e que, por trás da falsa falta de compromisso, corremos o risco de um dia termos que escalar paredões com nomes de multinacionais, a semelhança de outros esportes já descaracterizados pelas propagandas que não poupam nem mesmo as camisas dos jogadores.

É por isso que o montanhismo não pode ser visto como um fim em si mesmo. Considerá-lo como um fim seria adequado se fossemos máquinas. Felizmente somos seres humanos. Não tão eficientes como as máquinas, mas com inúmeros atributos que máquina alguma jamais terá.

Montanhismo é muito mais um meio do que um fim. É um meio de aproximar as pessoas, de gerar amizades, de compartilhar a existência e viver cada segundo em contato com a natureza.



(CER)
MONTANHISMO
AMADOR



MAIS DUAS CONQUISTAS PARA O CERJ: PAREDÃO INFRAVERMELHO E FISSURA LUIS SAYÃO

Agora já são cinco as conquistas concluídas em 1989. Além do **Paredão Abandonados de Justiça**, da **Variante Thales de Garcia** e do **Paredão AMARJ**, soma-se agora ao acervo de conquistas e primazias do CERJ, o **Paredão Infravermelho** e a **Fissura Luís Sayão**.

O **Paredão Infravermelho** foi conquistado no dia 21 de maio de 1989, após sete investidas em que participaram os cerjenses: Borges, César, Ernesto, Filipe, Nazareno, Prado, Santa Cruz, Tardan e Taylor. É uma escalada de 2º grau, III, toda muito bem protegida por grampos de aço galvanizados de 13mm. Localizado à direita do **Paredão Vermelho** (a pioneira conquista dos coloridos, feita por Salomyth e Bernardo em 1973), o **Paredão Infravermelho**, ou "Infra", como tem sido carinhosamente chamado, já é uma boa opção para a iniciação dos novatos no fascínio do montanhismo.

Já a **Fissura Luís Sayão** é outra história, pois envolve, além de uma escalada muito mais difícil, a complexidade de uma conquista em alta-montanha. Foram ao todo seis investidas, incluindo três bivaques, que exigiram muito esforço e dedicação para que pudéssemos superar a fenda que leva direto ao cume do **Cabeça de Peixe** (montanha de 1.680m, localizada no Parque Nacional da Serra dos Orgãos, ao lado do **Dedo de Deus**). Tivemos que enfrentar tempestades magníficas, mas não esmorecemos e assim pudemos concluir mais uma conquista que é um presente, uma homenagem, ao nosso amigo **Sayão**. Vale lembrar que a sexta e última investida, foi feita em uma excursão da **Escola de Guias do CERJ (ETGE/89)**.

Participaram da conquista da "**Fissura Sayão**": Borges, Ernesto, Esposel, Filipe, Gustavo Mello, Héudson, Jan, Luna, Nazareno, Prado, Santa Cruz, Severino, Tarcísio e Woods.

Com mais estas duas escaladas, o acervo do CERJ é agora de 173 conquistas e primazias em cinquenta anos de montanhismo amador.

Com a participação de todos os sócios, muitas outras conquistas estão a caminho, pois "**Se muito vale o já feito, mais vale o que será**" (Milton Nascimento e Fernando Brant).

PROGRAMAÇÃO TÉCNICA DE OUTUBRO E NOVEMBRO

Dia	Excursão	Classificação	Guia
Outubro:			
07 a 09	Petrópolis-Teresópolis	Cam. Pesada	Severino
14 sab	Paredão Lindaurea Pereira	3º, IV	Filipe
	Rio da Prata-Vargem Grande	Cam. SemiPesada	Ervé
15 dom	Paredão Santos Dumont	1º, II	Borges
	Paredão Coringa	3º, III	Prado
21 sab	Chaminé Stop	3º, III sup	Santa Cruz
22 dom	Travessia dos Olhos	Regrampeação	Severino
	Bico do Papagaio	Caminhada Leve	Sônia
28 sab	Paredão Leila Diniz	2º, III	Santa Cruz
	Paredão Lúcia Ladeira	3º, V	Filipe
28 e 29	Dedo de Nossa Senhora	1º, A-1	Prado
Novembro:			
04 sab	Campo Escola do Meu Castelo	Treinamento	Santa Cruz
05 dom	Maria Comprida	Caminhada Pesada	Willy
11 sab	Paredão Salomyth	3º, III	Filipe
	Paredão Infravermelho	2º, III	Sayão
12 dom	Paredão Hélio Paz	2º, III	Borges
15 qua	Paredão XV de Novembro	2º, III	Zaib
	Paredão Olimpo	3º, III	Santa Cruz
18 sab	Paredão Lionel Terray	2º, III, A1	Filipe
	Pedra Bonita	Caminhada Leve	Sônia
19 dom	Pico da Tijuca	Caminhada Leve	Severino
25 e 26	Ilha Grande	Praiana	Willy

MONTANHISMO
 * AMADOR

C. E. RIO DE JANEIRO

PROGRAMAÇÃO SOCIAL – OUTUBRO/NOVEMBRO 1989

19/out - quinta-feira - PROJEÇÃO DE SLIDES DOS ALPES - Ronaldo Paes

29/out - domingo - CHURRASCO NO GRAJAÚ - Salomyth & Lucia Ladeira

09/nov - quinta-feira - PROJEÇÃO DE SLIDES ETGE/89 - Zaib & Sayão

23/nov - quinta-feira - REUNIÃO DA ASSEMBLÉIA GERAL - Bravin

30/nov - quinta-feira - FESTA DOS GUIAS - Sônia Rezende & Santa Cruz

AGRADECIMENTOS

☺ Ao sócio fundador Raul Chatron Backes pela doação de três volumes encadernados de Boletins do CERJ, do período 1939-1951.

☺ Ao Bravin que fez a doação de 150 chavelros alusivos ao cinquentenário do CERJ, que podem ser adquiridos na nossa boutique.

☺ Ao Luis Guedes pela doação de 20 livros "Manual do Escalador".

☺ À Wanla pelo projeto de reforma da Sede do CERJ.

☺ Ao Mollica pela obtenção da Certidão de Ônus Reais da Sede.

☺ À Vilma Antas pelos deliciosos salgadinhos da Cantina.

☺ Ao Vava' pela doação de uma coleção de revistas importadas de montanhismo

☺ Agradecemos também aos cerjenses Thales, Beserra, Caram Draga, Abdu, Aleksandra, Thiers, Gustavo, Prado, Virgílio e todos os outros que sabem que ajudaram o CERJ.

MONTANTE DA CAMPANHA DA REFORMA DA SEDE:
NCz\$ 13.955,40 (em 30/9/89)

O INÍCIO DE UMA EXCURSÃO

Severino Silva

No artigo anterior (nº 509) vimos como são formadas as excursões. Neste artigo, veremos o que pode acontecer antes da excursão começar.

Uma coisa que pode acontecer eventualmente é o guia não poder ir à excursão, ou ainda, acontecer que a excursão seja cancelada por algum motivo. Neste caso, o guia avisa aos participantes pelo telefone. Por isso, a prancheta deve ser preenchida corretamente.

Outra coisa que pode ocorrer é o participante não conseguir comparecer à excursão, devendo portanto avisar ao guia. É necessário que o telefone do guia seja anotado para o caso de impossibilidade de participação na excursão. Isso sem exageros, pois já fui acordado às quatro horas da manhã para ser avisado de tal fato.

Se o participante inscrito numa excursão não comparecer, sem ter avisado, ou um participante não inscrito aparecer numa excursão, poderá colocar o guia em situação difícil em relação ao material. No primeiro caso, o guia estará esperando mais participantes, levando na mochila muito mais material que o necessário; no segundo caso, ocorre o contrário. Se no primeiro caso o participante ainda ia levar algum material coletivo (corda, carro, etc), a situação fica pior. Chega às vezes o extremo de o guia ficar sozinho a ver navios, pois nenhum dos participantes compareceu. E isto acontece com relativa frequência!

Atrasos devem ser tolerados até o máximo de dez minutos: fora disto, o planejamento de horários do guia pode ser comprometido, o que pode tornar a excursão inviável.

Se um participante não possuir o material indicado para uma atividade, deve avisar ao guia com antecedência, para que o material seja providenciado no almoxarifado do clube.

É extremamente importante para o sucesso da excursão os estados físico e psíquico dos participantes. Devem ser respeitadas as indicações na prancheta: por

exemplo, para um determinado participante fazer uma caminhada semi-pesada ele deve estar em condições para tal, tendo feito caminhadas leves ultimamente.

Agora vamos analisar um caso extremo que aconteceu comigo no ano passado. Um participante me procurou para que eu guiasse uma excursão. Insistiu muito, até que acabei marcando a excursão, uma escalada fácil na Agulhinha da Gávea. Ele se inscreveu como primeiro participante e logo foi dizendo que não tinha equipamento individual de escalada. Requisitei o material e fui eu quem o levou na mochila. No dia da excursão, o dito cujo não apareceu, e pior ainda, na quinta-feira seguinte, deu uma desculpa esfarrapada e pediu para que eu cancelasse uma outra excursão marcada já havia dois meses, a fim de marcar de novo a mesma excursão por ele solicitada. Pode uma coisa dessas? Agora, como sabe que se ele se inscrever numa excursão por mim guiada irei cortá-lo, ele aparece nas excursões sem se inscrever.

REGRAMPEAÇÃO DA CAIXA DE FOSFOROS

Mario Arnaud, Willy e Santa Cruz

Em 1969 sócios do CERJ conquistaram a face norte da Caixa de Fósforos, uma escalada artificial muito interessante que durante muitos anos foi feita com toda a segurança.

Com o tempo, os grampos precisaram ser substituídos. Em 1982 alguns desses grampos originais foram trocados e a escalada voltou a ser uma bela opção com vista para os Três Picos de Friburgo e Vale dos Frades.

Novamente o tempo exigiu que novos grampos fossem trocados. Assim sendo, no último dia 30 de abril, em uma excursão com a presença de doze pessoas, novamente deixamos a escalada em perfeitas condições.

Não basta apenas fazer novas conquistas. Precisamos também conservar as antigas escaladas.

CARTA DO CHEFE SEATHL

Carta do chefe da tribo Duwamish, do estado de Washington, ao presidente dos Estados Unidos, Franklin Pierce, em 1855, em resposta à proposta de aquisição do território da tribo.

O grande chefe de Washington mandou dizer que deseja comprar a nossa terra. O grande chefe assegurou-nos também de sua amizade e sua benevolência. Isto é gentil de tua parte, pois sabemos que não necessitas da nossa amizade. Porém, vamos pensar em tua oferta, pois sabemos que se não o fizermos, o homem branco virá com armas e tomará nossa terra. O grande chefe em Washington pode confiar no que o chefe Seathl diz, com a mesma certeza com que nossos irmãos brancos podem confiar na alteração das estações do ano. Minha palavra é como as estrelas, não empalidecem.

Como podes comprar ou vender o céu, o calor da terra? Tal idéia nos é estranha. Nós não somos donos da pureza do ar nem do resplendor da água. Como podes então comprá-los de nós? Decidimos apenas sobre o nosso tempo. Toda esta terra é sagrada para o meu povo. Cada folha reluzente, todas as praias arenosas, cada véu de neblina nas florestas escuras, cada clareira e todos os insetos a zumbir são sagrados nas tradições, na consciência do meu povo.

Sabemos que o homem branco não compreende o nosso modo de viver. Para ele um torrão de terra é igual a outro. Porque ele é um estranho que vem de noite e rouba da terra tudo quanto necessita. A terra não é sua irmã, mas sim sua inimiga, e depois de a exaurir, ele vai embora. Deixa para trás o túmulo de seu pai, sem remorsos de consciência. Rouba a terra dos seus filhos. Nada respeita. Esquece as sepulturas dos antepassados e o direito dos filhos. Sua ganância empobrecerá a terra e deixará atrás de si os desertos. A vista de suas cidades é um

tormento para os olhos do homem vermelho. Mas talvez seja assim por ser o homem vermelho um selvagem que nada compreende.

Não se pode encontrar paz nas cidades do homem branco. Nem um lugar onde se possa ouvir o desabrochar da folhagem na primavera ou o tinir das asas de insetos. Talvez por ser um selvagem que nada entende, o barulho das cidades é para mim uma afronta aos ouvidos. E que espécie de vida é aquela em que o homem não pode ouvir a voz do corvo noturno ou a conversa dos sapos no brejo, à noite? Um índio prefere o suave sussurro do vento sobre o espelho d'água e o próprio cheiro do vento, purificado pela chuva do meio-dia e com aroma de pinho. O ar é precioso para o homem vermelho. Porque todos os seres vivos respiram o mesmo ar: animais, árvores, homens. Não parece que o homem branco se importe com o ar que respira. Como um moribundo ele é insensível ao ar fétido.

Se eu me decidir a aceitar, imporei uma condição. O homem branco deve tratar os animais como se fossem seus irmãos. Sou um selvagem e não compreendo que possa ser certo de outra forma. Vi milhares de bisões apodrecendo nas pradarias abandonadas pelo homem branco que os abatiam a tiros disparados do trem. Sou um selvagem e não compreendo como um fumegante cavalo de ferro possa ser mais importante que um bisão que nós, os índios, matamos apenas para sustentar a nossa própria vida. O que é o homem sem os animais? Se todos os animais acabassem os homens morreriam de solidão espiritual, porque tudo quanto acontece aos animais pode também afetar os homens. Tudo está relacionado entre si. Tudo quanto fere a terra fere também os filhos da terra.

Os nossos filhos viram seus pais humilhados na derrota. Os nossos guerreiros sucumbem sob o peso da vergonha. E depois da derrota passam o tempo em ócio, e envenenam seu corpo com alimentos adocicados e bebidas ardentes. Não tem grande importância onde passaremos nossos últimos dias. Eles

não são muitos. Mais algumas horas, até mesmo uns invernos, e nenhum dos filhos das grandes tribos que viveram nesta terra ou que têm vagueado em pequenos bandos nos bosques, sobrarão para chorar sobre os túmulos de um povo que um dia foi tão poderoso e cheio de confiança como o nosso.

De uma coisa sabemos, e o homem branco talvez descobrirá um dia: o nosso Deus é o mesmo Deus. Julgas, talvez, que o podes possuir da mesma maneira como desejas possuir a nossa terra. Mas não podes. Ele é Deus da humanidade inteira. E quer bem igualmente ao homem branco e ao homem vermelho. A terra é amada por ele. E causar dano à terra é demonstrar desprezo pelo seu criador. O homem branco vai desaparecer, talvez mais depressa que as outras raças. Continua poluindo a tua própria cama e hás de morrer uma noite, sufocado nos teus próprios dejetos. Depois de abatido o último bisão e domados todos os cavalos selvagens, quando as matas misteriosas federem a gente, e quando as colinas escarpadas se encherem de fios que falam, onde ficarão os sertões? Terão acabado. E as águias? Terão ido embora. Restará dar adeus à andorinha e à caça. O fim da vida é o começo da luta para sobreviver.

Talvez compreendêssemos se soubêssemos com que sonha o homem branco, que esperanças transmite a seus filhos nas longas noites de inverno, que visões do futuro oferece às suas mentes para que possam formar os desejos para o dia de amanhã. Mas nós somos selvagens. Os sonhos do homem branco são ocultos para nós. E por serem ocultos, temos de escolher o nosso próprio caminho. Se consentirmos, é para garantir as reservas que nos prometeste. Lá talvez possamos viver nossos últimos dias conforme desejamos. Depois que o último homem vermelho tiver partido e a sua lembrança não passar da sombra de uma nuvem a pairar acima das pradarias, a alma do meu povo continuará a viver nestas florestas e praias, porque nós a amamos como um recém-nascido ama o bater do coração de sua mãe. Se te vendermos a nossa terra, ama-a como nós a amávamos. Protege-a como nós a protegíamos. Nunca esqueças como era a terra

quando dela tomaste posse. E com toda a tua força, o teu poder, e o teu coração, conserva-a para teus filhos, e ama-a como Deus nos ama a todos. Uma coisa sabemos: o nosso Deus é o mesmo Deus. Esta terra é querida por ele. Nem mesmo o homem branco pode evitar o nosso destino comum.

SOBRE A MARAVILHA QUE É UMA NOITE ESTRELADA

Santa Cruz.

para Mariana.

"Se as estrelas só aparecessem uma única vez a cada milênio, as pessoas guardariam na memória a dádiva maravilhosa que é um céu estrelado. Contariam então aos seus filhos que contariam aos seus filhos... Que em uma noite, há muitos anos o céu esteve coalhado de estrelas.

Então, mil anos depois, numa noite muitas pessoas estariam olhando para o céu, esperando que as estrelas voltassem a aparecer"

Ralph Waldo Emerson

Nós os montanhistas sabemos o quanto é verdadeiro o pensamento de Emerson. E podemos compartilhar as estrelas e também o vento, a água das fontes, o cheiro do mato, o brilho do sol a cada manhã... e a amizade sincera...

A cada excursão, a cada bivaque, toda vez que espontaneamente jogamos a nossa vida na montanha.

**C.E.
Rio de Janeiro**

Após quatro meses de intensas atividades teóricas e práticas, prossegue o CERJ com a Escola de Guias de 1989, a E.T.G.E./89

Um guia não é apenas uma pessoa que conhece e sabe utilizar as técnicas de montanhismo, mas também um líder. A Escola de Guias se destina a formação de líderes que sejam responsáveis pelas atividades promovidas pelo CERJ.

A Escola Técnica de Guias Excursionistas (E.T.G.E.), ou simplesmente Escola de Guias, é quase uma instituição dentro do CERJ. Não é para menos: O CERJ foi o primeiro Clube a organizar uma Escola de Guias em nosso País. Isto aconteceu no ano da Fundação do CERJ em 1939.

É a Escola de Guias que garante o padrão técnico e ético, bem como a própria preservação da filosofia cerjense de montanhismo.

No CERJ, a Escola de Guias é um direito do sócio, direito este preconizado no estatuto, pois a Escola de Guias é um dos objetivos do CERJ. Por isso, nenhuma taxa é cobrada aos alunos. Basta que o sócio esteja em dia com suas mensalidades e possua um mínimo de conhecimentos e experiência como montanhista.

Se o interessado não tiver estes conhecimentos, poderá adquiri-los com o tempo ou fazendo o Curso Básico, que também é oferecido gratuitamente, pois também constitui um direito do sócio.

A formação de novos Guias demanda muito esforço, muita dedicação ao montanhismo, muito amor ao ser humano, coisa tão difícil hoje em dia, em que as pessoas em geral estão completamente céticas quanto a possibilidade de resgatar o sonho coletivo.

Nós no CERJ contudo, aceitamos este desafio, pois um clube só tem sentido se for para juntar as forças de cada um e transformar o sonho coletivo em realidade.

No ano passado, a Escola de Guias só formou dois Guias: Filipe Gomes Alvarenga e Claudio Maurício Haitz (Severino Silva). Eles foram diplomados justamente no dia em que o CERJ completava 50 anos de existência, na presença de sócios fundadores que participaram da solenidade.

De todos os alunos que iniciaram a E.T.G.E./88, só conseguimos formar dois Guias. Mas foram justamente estes dois Guias, com quem eu pude contar quando decidi dar início à E.T.G.E./89.

E lá fomos nós: Filipe, Severino e Santa Cruz, procurando transmitir aos alunos da ETGE/89, os nossos conhecimentos, que aprendemos com nossos mestres Salomyth, Pellegrini, Claudinho, Vavá, Leuzinger e tantos mais. Que aprenderam com os pioneiros Behnken, Azambuja, Yacy...

Até agora, ao longo de quatro meses, já foram realizadas dez excursões, muitas delas verdadeiramente memoráveis, com todas as trocas de experiências de vida que só o montanhismo amador pode proporcionar.

Nestas dez excursões, os alunos sempre estiveram em companhia do Filipe, Severino ou do Santa Cruz (em uma das excursões tivemos a companhia do nosso querido Reinaldo Pires, Guia Cerjense de grandes conquistas). Nós os guias já formados, dávamos os "toques", para que todos juntos pudéssemos enfrentar as mais diversas situações que foram encontradas em caminhadas faceis e dificeis, acampamentos, bivaques, escaladas as mais variadas, investidas em conquistas, resgates em montanha e explorações de regiões que ninguém conhecia, alargando assim os horizontes para a prática do montanhismo.

Tudo isso dentro de um clima de seriedade, entusiasmo, camaradagem, respeito mútuo, companherismo e amizade. Em todas as excursões o objetivo sempre foi a superação conjunta das dificuldades e a união do grupo.

Como Diretor Técnico, que já tive por várias vèzes a responsabilidade de dirigir uma Escola de Guias, deixo registrado neste boletim a minha alegria por ter participado de 90% das excursões da Escola de Guias de 1989 realizadas até agora. Tarcisio, Christian, Gustavo, Flavio, Prado e Borges deram o melhor de si, nas excursões que foram as seguintes: Agulha do Diabo/São João; Paredão Bom Crioulo; treinamento de resgates no Paredão Santos Dumont; Cabeça do Dinossauro; Gallotti/30 de julho c/resgate; Cabeça de Peixe/Fissura Sayão; Face Oeste da Pedra do Cone; Ermitage; Dedo de Nossa Senhora e Paredão Mario Arnaud.

Como em toda Escola de Guias, não faltou TRABALHO, não faltou EMOÇÃO. Ainda vai demorar um pouco para que os alunos da E.T.G.E./89, atualmente Guias Estagiários, possam se formar Guias do CERJ. Mas estamos no caminho.

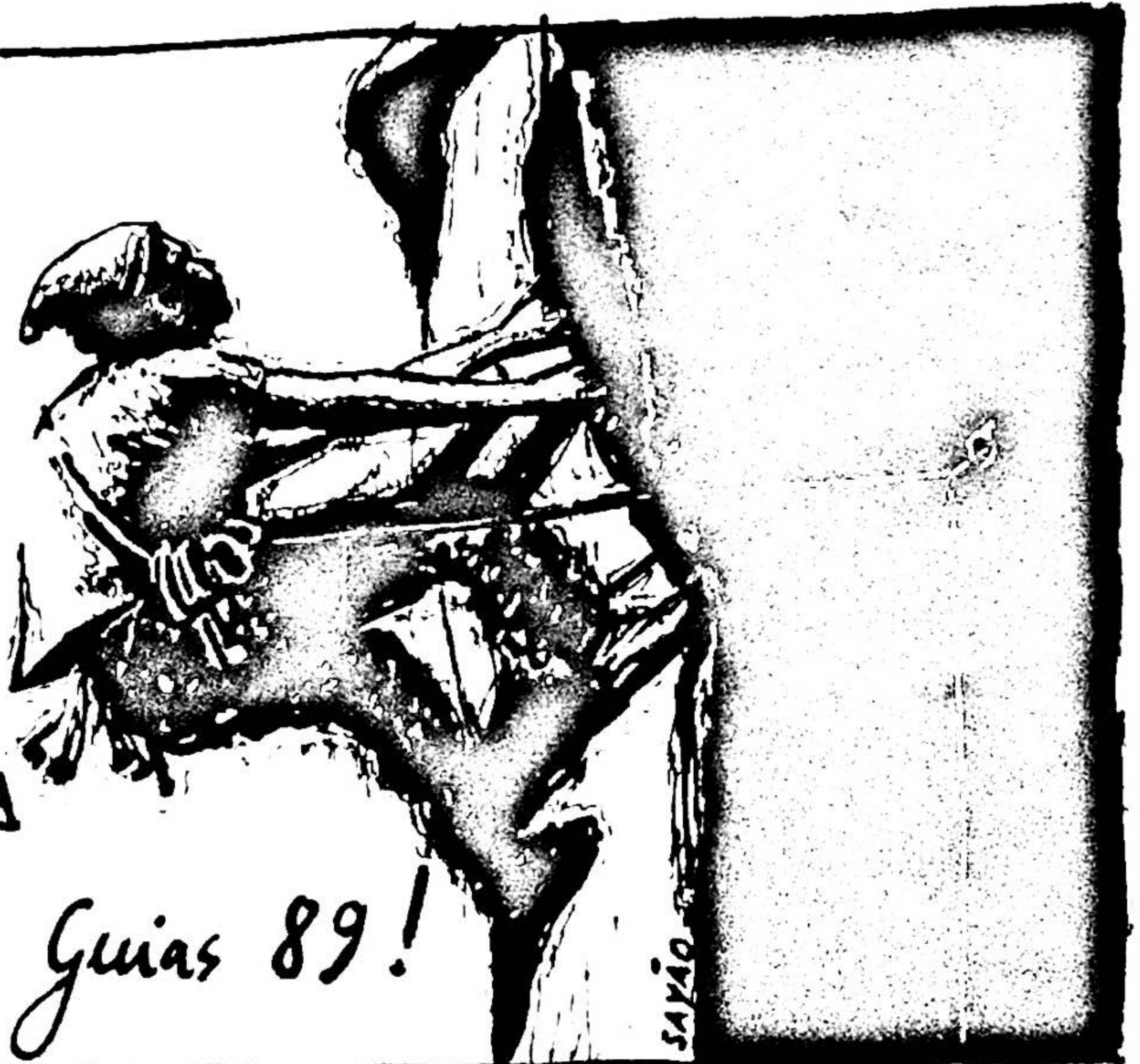
Então poderemos mais uma vez recomeçar uma Escola de Guias, a E.T.G.E./90, para que o CERJ, possa prosseguir e ajudar a manter acesa a chama do montanhismo amador.

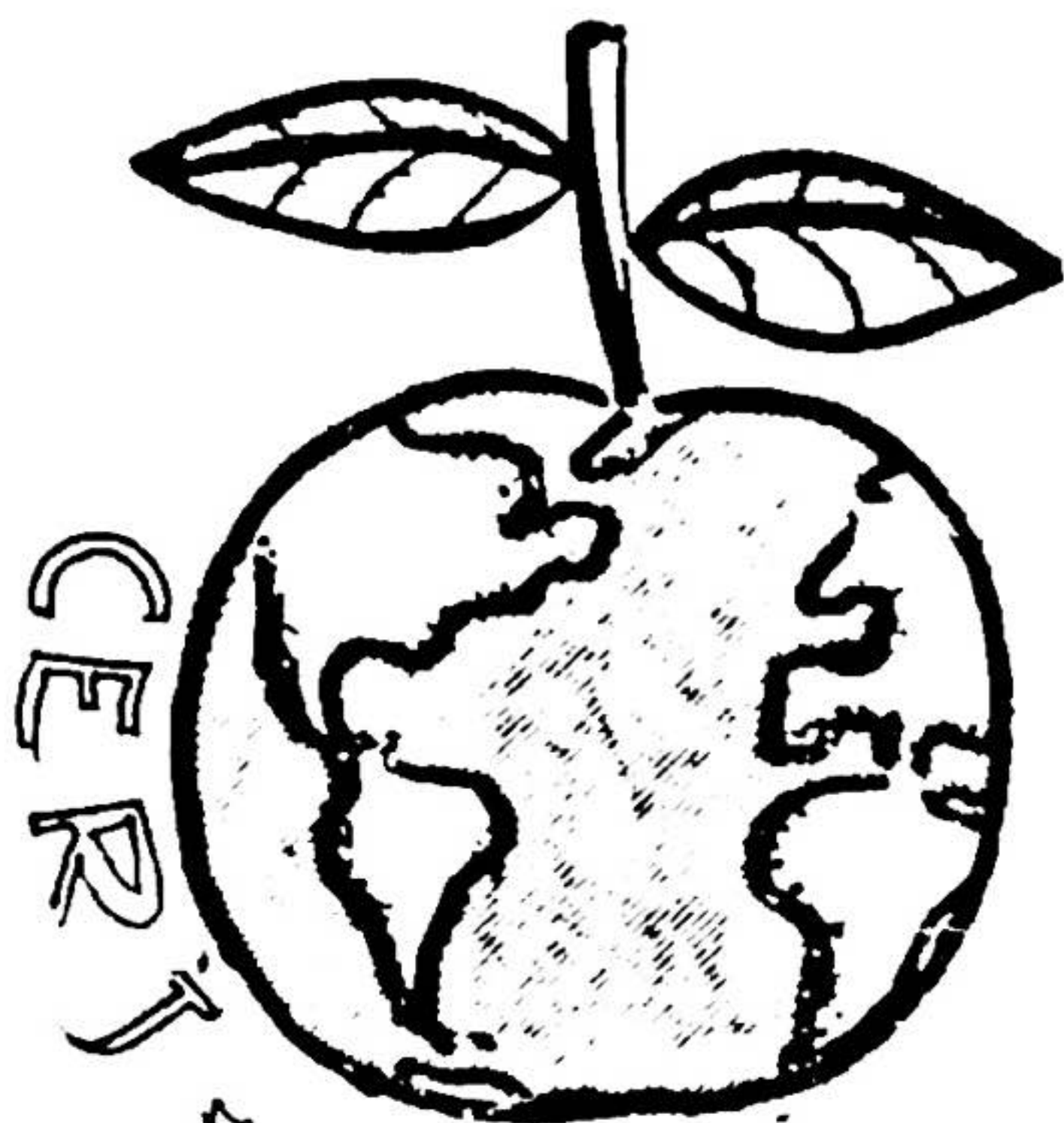
ESCOLA DE GUIAS E.T.G.E./89

Os frutos podem até demorar
Mas eles virão
Pois a terra é fértil
E as sementes foram regadas
Com o suor do nosso trabalho
E as lágrimas da nossa emoção.

COMEÇOU A

Escola de Guias 89!





MONTANHISMO AMADOR

AGENDA

ASSEMBLÉIA GERAL

- Eleição do Conselho Deliberativo biênio 1990/1992.
- Apresentação do Relatório da diretoria.

dia 23/novembro/1989 às 20:00 horas

destinatário

impresso

CENTRO EXCURSIONISTA RIO DE JANEIRO
Av. Rio Branco, 277 / 805 – Edifício São Borja
Tel. 220.3548 – Reuniões às Quintas Feiras às 19 horas
CEP 20047 – Rio de Janeiro – RJ